

Se liga na Saúde da Galera

Elizabeth Miura Miyasaka

Cientistas decidiram ouvir 12 adolescentes de 10 a 20 anos que vivem no Morro da Kibon, em Santo André, para compreender como crescer na periferia durante e depois da pandemia de Covid-19. A pesquisa mostrou que a adolescência não é só hormônio e crise existencial: é também moradia, renda, escola, internet, violência, políticas públicas ou a ausência delas.

Entre os entrevistados, o desejo de trabalhar aparece cedo, não por espírito empreendedor, mas para ajudar em casa ou conquistar autonomia. A informalidade do emprego conflita diretamente com a escola, agravando o impacto do ensino remoto, da falta de dispositivos e da exclusão digital. Muitas crianças enfrentaram repetência e abandono escolar temporário, sentindo-se sempre atrás.

A pandemia também afetou fortemente a saúde mental. Ansiedade, depressão, automutilação e até tentativas de suicídio foram relatadas, associadas a mortes na família, conflitos domésticos e insegurança constante. O acesso a atendimento psicológico foi limitado, e o sofrimento socialmente enraizado ainda é frequentemente tratado como problema individual.

O tempo livre, sem espaços de lazer estruturados, tornou-se risco: álcool, cigarros, vape e drogas apareceram como alternativas, muitas vezes dentro de casa. A educação sexual insuficiente levou a casos de gravidez precoce, com impacto direto na escolaridade e na sobrecarga emocional.

Apesar das dificuldades, os adolescentes reconheceram o SUS como referência, embora apontando limitações em continuidade e serviços específicos para jovens. Observou-se também um padrão de gênero: meninas com maior conhecimento sobre autocuidado e prevenção, meninos com menor vínculo com serviços de saúde.

Os adolescentes mantêm sonhos concretos — universidade, trabalho, casa própria — mostrando que o problema não é falta de ambição, mas distância entre desejo e oportunidade. A pesquisa reforça que saúde depende das condições de vida e trabalho, não apenas de hospitais, evidenciando como desigualdade, pobreza e racismo estrutural moldam trajetórias.

O estudo ainda avalia telessaúde em escolas públicas, como estratégia de acesso a acompanhamento médico. Sem infraestrutura e vínculo humano, a proposta corre risco de fracasso, mas com investimento e políticas integradas, pode ampliar o cuidado qualificado.

No Morro da Kibon, a favela é espaço de identidade, resistência e organização coletiva. Os adolescentes pedem o básico: escola que funcione, internet que conecte, saúde que acolha, políticas que enxerguem. A pergunta que fica é sobre o que falta à sociedade para levar o futuro desses jovens a sério.